



Foto J. Freitas.  
D. Carmine com Passarinho, em uma das últimas aparições do nuncio em Brasília.

# Núncio apostólico morre aos 70 anos

O núncio apostólico do Brasil, monsenhor dom Carmine Rocco, morreu ontem de manhã em Roma, vítima de um câncer no pulmão, segundo a agência UPI. Seu corpo será sepultado amanhã em Camigliano, sul da Itália, onde nasceu há 70 anos.

Dom Carmine estava internado na Clínica Gemelli desde que deixou Brasília no dia 10 de abril passado, já doente. Em seu lugar ficou o monsenhor Luigi Bressan, que continuará respondendo pela Nunciatura até que o Vaticano nomeie o novo núncio.

Amanhã, em Brasília, o arcebispo dom José Newton rezará missa em memória de dom Carmine, à qual deverá comparecer todo o círculo diplomático acreditado na Capital do País.

### "VIRTUDES SINGULARES"

De Washington, o presidente Figueiredo enviou telegrama ao papa João Paulo 2.º, em que diz: "Sua notável atuação em prol da unidade da Igreja e do harmonioso desenvolvimento das relações entre as autoridades civis e religiosas conquistaram-lhe a amizade e admiração de incontável número de brasileiros, entre os quais me incluo".

O ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, que acompanha Figueiredo em sua viagem aos Estados Unidos, diz, em telegrama ao secretário de Estado do Vaticano, cardeal Agostino Casaroli, que "em seu largo convívio com os brasileiros, dom Carmine distinguiu-se pelo respeito e admiração que soube despertar em todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-lo, mercê de suas singulares virtudes humanas, religiosas e profissionais".

### "FATOR DE PAZ"

No Rio, o cardeal Eugênio Sales, arcebispo do Rio de Janeiro, disse que "o Brasil, e em particular a Igreja, muito devem ao monsenhor Carmine Rocco, falecido em Roma. Desde 73 como núncio apostólico junto ao governo do Brasil, decano do corpo diplomático, discreta e eficientemente, ele foi um fator de paz e concórdia e, representando o Santo Padre, muito trabalhou em prol da Igreja no Brasil".

Dom Carmine, segundo dom Eugênio, "visitou inúmeras dioceses, sagrou muitos bispos, e incentivou decididamente os seminários para a adequada formação do clero".

### DOM GREGÓRIO

Ontem à tarde, dom Eugênio rezou missa de corpo presente de dom Gregório Aparício, ex-bispo auxiliar do Rio, aposentado há vários anos. Dom Gregório também morreu pela manhã e foi sepultado no final da tarde.

### "CHORO COMO AMIGO"

Em Belém, o senador Jarbas Passarinho afirmou que a morte do núncio apostólico representou "uma grande perda para o Brasil".

"É uma perda que nos sentimos profundamente — disse Passarinho. Ele foi um grande amigo do Brasil. Em parte por sua própria habilidade, foi também um excelente parceiro do presidente João Figueiredo, na manutenção das boas relações entre a Igreja e o Estado. Era um homem que não apoiava os excessos e um precioso conselheiro do Vaticano. Por duas vezes fui homenageado por ele com um almoço na Nunciatura. E foram estes momentos de grande satisfação para mim. Tinha-o como amigo. E como amigo choro a sua morte."

## Conservador e bom diplomata

MEMÉLIA MOREIRA

BRASÍLIA — Durante os quase nove anos em que chefiou a representação da Santa Sé em Brasília, dom Carmine Rocco viveu os dias mais tensos das relações entre a Igreja e o Estado brasileiro. Apesar dessa tensão ter atingido níveis de quase rompimento entre as duas instituições, o núncio apostólico não deixou de ser, em nenhum momento, o canal de comunicação entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e o chefe do Gabinete Civil e os próprios presidentes da República, durante os governos Médici, Geisel e Figueiredo.

Suas posições políticas nem sempre agradaram o clero progressista, principalmente nos casos do padre Vitor Miracapillo, expulso em outubro de 1980, e dos missionários Aristides Camio e Francisco Gouriou, que estão respondendo a processo perante a justiça militar, em Belém. Nas duas ocasiões, dom Carmine defendeu uma "negociação, que implicava na transferência desses missionários de uma área para outra, enquanto a CNBB insistia em comprovar a inocência dos padres processados pela Lei de Segurança Nacional.

Sua chegada ao Brasil, em maio de 1973, foi seguida da condenação, absolvição e finalmente expulsão do missionário francês François Jentel, ocorrida em 1975. Logo depois, dom Carmine enfrentou as tentativas de expulsão contra o bispo de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga, em 1977, 1978 e 1981. Além disso, ele assistiu toda a sorte de violências contra a chamada Igreja progressista como, por exemplo, o sequestro e espancamento do bispo de Nova Iguaçu, dom Adriano Hipólito, assassinatos dos missionários Rudolf Assenbeim, em 1976, e João Bosco Penido Burrier, em 1977, invasões de igrejas no interior do País, detenção para interrogatório dos bispos de Marabá e Conceição do Araguaia, dom Alano Pena e dom Estevão Avelar Brandão.

Em todos esses episódios, dom Carmine Rocco manteve discrição ou afirmava que sua missão era apenas "diplomática", o que provocou comentários amargos de setores da Igreja, que se perguntavam qual a função de uma Nunciatura Apostólica em países onde existe uma Conferência Nacional de Bispos. A função de uma Nunciatura, explicou ontem um assessor da CNBB, é "promover a criação de dioceses, desmembramentos de dioceses, criação de novas prelazias e até mesmo indicação para nomeação de novos bispos" (que também são indicados pelos regionais da Igreja).

Essa função, dom Carmine desempenhou com desenvoltura reconhecida pela CNBB. Entre 1973 a 1981, o núncio apostólico promoveu a criação de mais de 30 novas dioceses, a elevação de 20 prelazias à categoria de dioceses e a nomeação de mais de 100 bispos. Essas realizações foram lembradas no telegrama de dom Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB, à Santa Sé. Dom Luciano afirma que o núncio foi um "insigne benfeitor da Igreja do Brasil, especialmente promotor de prelazias, vocações e formação do clero".

Mas mesmo na criação de novas dioceses, dom Carmine Rocco não abandonou seu estilo conservador. Recentemente, a prelazia de Rio Negro, dirigida pelo ultraconservador salesiano dom Miguel Alagna, foi elevada à categoria de diocese. A festa foi assistida por vários representantes do governo e os "progressistas" deixaram escapar alguns comentários, entre os quais a preferência de dom Carmine pela ala conservadora da Igreja, pois ele havia preferido elevar a prelazia de Rio Negro e não a prelazia do Agre-Purus, "muito mais importante, mas dirigida pelo progressista dom Moacir Grechi.

A nomeação de dom Cláudio Colling para o arcebispado de Porto Alegre, substituindo dom Vícente Scherer, também provocou comentários nesse sentido. Esperava-se, na época, a nomeação do bispo de Santa Maria e presidente da CNBB, dom Ivo Lorscheiter, e a nova indicação frustrou os "progressistas", que agora aguardam o momento da Igreja de Porto Alegre deixar de ser um "feudo" conservador.

Mas todas essas divergências foram aparentemente esquecidas ontem na CNBB. Os assessores lembravam apenas que dom Carmine Rocco foi um diplomata, e, com tal, não poderia interferir diretamente em assuntos da política brasileira, embora em determinados momentos isso tenha ocorrido. O envolvimento ocorreu em quatro ocasiões diferentes, quando cidadãos brasileiros se refugiaram na Nunciatura buscando asilo político. Jorge Medeiros do Vale (o "Bom Burguês"), Henrique Cordeiro, Vanda Cozetti Marinho e Teodomiro dos Santos, todos eles incursores na LSN, pularam a cerca da Nunciatura, obrigando dom Carmine Rocco a negociar o asilo político com as demais embaixadas e com o governo brasileiro. Em todas elas foi bem sucedido, conseguindo salvo conduto para os asilados, o que mostra que ele foi, pelo menos, um bom diplomata.

## "Responderei o que puder"

Pesquisa do BANCO DE DADOS — "FOLHA"

"Perguntem-me o que quiserem e responderei o que puder". Esta frase, pronunciada por dom Carmine Rocco no primeiro contato com os jornalistas, logo após sua nomeação para a Nunciatura Apostólica do Vaticano, marca bem o que seria sua atuação diplomática no País.

Nomeado núncio no Brasil pelo papa Paulo 6.º, ele assumiu o cargo a 27 de julho de 1973, em substituição a dom Humberto Mozzoni, ainda durante o governo Médici. Como decano do corpo diplomático acreditado em Brasília, ele conviveria com mais dois presidentes: Geisel e Figueiredo.

Nascido a 12 de abril de 1912 em Camigliano, perto de Nápoles, dom Carmine foi ordenado padre em 1936 e sagrado bispo em 1961. Era formado em teologia pelo Seminário dos Jesuítas de Posilipo e em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma. Ingressou no serviço diplomático da Santa Sé em 1939 e exerceu as funções de conselheiro nas nunciaturas

de Paris, Buenos Aires (1946-53) e do Rio (1956-59), nesta, quando era núncio dom Armando Lombardi. Posteriormente, foi núncio apostólico na Bolívia (1959-67) e nas Filipinas (1967-73), antes de ser designado para o mesmo cargo no Brasil.

### POSIÇÃO

O termo "crise" sempre foi uma palavra banida do vocabulário do núncio, que preferia falar, durante o tempo em que ficou no País, em "dificuldades" ou "problemas momentâneos", que considerava, se não normais, compreensíveis num país de dimensões continentais, no estágio de evolução do Brasil.

Caracterizado por muitos como um seguidor da orientação da Cúria Romana, ele preferia se definir como "um religioso, nem progressista nem conservador".

Em sua última mensagem escrita, entregue à CNBB, na Páscoa, dom Carmine afirmava: "Bem sei o quanto é difícil e não isento de responsabilidades e de preocupações, o ministério episcopal."